

Apologia à Zeus

OU

Uma poética do absurdo

O homem

Vem de longe do mar, um homem
Vem de longe, por onde foi navegar?
Entre anos a fio construiu seu barco
Seu braço estar forte
Vem de longe, abaixo da linha do mar
Vem sua boca, seus olhos, seus tato
Curvando a terra respira exausto
Seu nome tendo esquecido
Proclamava-se deus na terra
Por a muito ter vencido
O brilho segante de um novo sol
Vem longe Zeus com um canto adormecido.

Você realmente precisa disso

Chegar a cidade, Nova Gize, pensa:

Como tudo tem mudado

As crianças dançam uma canção amaldiçoada

Os senhores adam, rumo ao norte a nova praça

Ouve então alguém, pergunta se ainda está

Na sua terra, amável terra , com canto de heróis

Uma voz cálida responde: - Não seja tolo

Nunca esteve aqui, não vê os grandes bosques

A milênios foram plantados ali

E não há marcas dos teus pés, nem nome algum

Riscado em algum arvore.

Você precisa realmente saber disso

O lado lúdico

Zeus encontrar um novo deus, o lúdico

Carpe Diem, que ri e canta:

Tamanha esperança, tamanha esperança

Só as crianças são verdadeiramente felizes

Sorrir levemente, tem amor rápido por esse deus

Mas não se engana com tamanha segurança

Vê ao seu redor homens sérios e viciosos

Juga haver mais coisa, um outro deus

Que se dê a algum ofício em verdade

Mas seu peito ainda crê:

- Sua verve é tão bonita

Ele ri e canta com tamanha esperança

Ele pula, repula e tornar-se assim

O simbolo no meio da cidade

E sorrindo vai até o meio da cidade

Onde estão os cânticos?

Tamanha felicidade

Vê então simbolo perdido entre arvores

Um delta com uma cruz e uma esfinge

Com ditos indizíveis, o que sera que diz?

Lembra de um velho sábio

Com seus olhos trocados

Que tudo pode ver

Ele diz – Tolo, o queres tanto saber

Se foi feito e tu não o podes entender

Talvez não seja para que tu entendas

Zeus, não complente pois não se pode compreender

O lado logos

Preambula tristonho, sem sua vontade realizada
Encontrar ao sob uma monte, um outro deus
O que já pensava ter sido afastado
O deus logos, a razão, o ser da matemática
E pergunta a ele qual a palavras do estranho delta
E logo pega do seus braço
Analisa, procura dados
Diz sobre a dada de criação, dos costumes
Que o cercaram, de todas as criaturas a viram em vão
Mas não é sua resposta procurada
Se envergonha do pedido, eu sou tolo, pensa
Depois dessa gigantesca jornada, nada sei

Efeito

Vai sem rumo, quer voltar a seu barco
Ao seu mundo tão perfeito
De delicias solitárias
Mas não pode mais
Esta é a sua rota
E nem sabe como voltar
E entre prantos e desalentos
Teima em retornar
Para e pensa: De onde eu vim,
Trago comigo a lembrança estimável
E se voltar não será o mesmo lugar de onde vim

A parte de um todo

Junta seu corpo numa ultima tentativa
Pega sua lança e a peça incompreensível

- Aquém que saiba imploro, diga-me

Sua voz é inaudível

Vê então além do seu desejo

Uma guerra secreta entre o Lúdico e o Logos

Tendo cada uma arma para o medo

Dos seus contrasemelhantes

Buscam o domínio do outro

Mas pensa: não são partes de um todo

Dois lados que dividem um todo igual

Mas deuses nunca pensam assim

O erro necessário

Agora com seus olhos abertos
Vê a verdadeira mensagem
O delta, a cruz e a esfinge
São apenas miragem
Como todo dito indizível
Quebra a pedra
Não se importa com o que há
Não mais importa o que diz lá
Quer o fim dessa guerra
Onde homens são pobres infelizes
Quer a paz mesmo não sendo mais
Sua velha morada

O simbolo em baixo da cidade

Vai ao meio da cidade
Vai com pressa
Entre numa cova
Nem sabe pr'onde vai
Encontra outro simbolo
Pensa: quem o poderia ter visto?
É uma espada sem lâmina ou ponta
Coberto por couro em verde e dourado
Lembra-se do outro
Por isso não o tenta entender
Mas sente que deve leva-lo ao meio da cidade
Para que todos o possam vê

Os homens

Os homens os viram o simbolo rejeitado

Decretam seu ódio:

- Que teu destino esteja traçado, Não há dia em
abandonamos a arma do herói

O herói sou eu, ele lembra enfim de si

O herói sou e suas cantigas eram por mim

Por os tê-los salvo desses deuses desleais

Mas preferem seus reinado

E me aprisionaram além mar

Mas vejo que melhor pode ser assim

A guerra secreta traz o crescimento do seus jardins

E vejo quantas boas obras desse caos tem se
revelados

Fico em paz, pois agora sei os ditos eram uma
armadilha pra mim

Isso

Deito em paz, afirma Zeus:

- Vejo homens girando em montanhas

Enquanto crianças cantam com esperança

Vejo deuses a trocarem seus postos

Tanta coisa que foi feito aqui

Deito minha espada, abandono minha capa

Vou cantar também como as crianças

Vou procurar por culturas antepassadas

Pois aqui já não se precisa de um herói

Mas de um homem que ri e come

E deita esperando um novo dia para contemplar

As caçadas vão se embora

Já não há armas, vejo agora

Que essa guerra secreta estar fazendo o mundo

mudar